

APRESENTAÇÃO DA CAPA

LÉLIA GONZALEZ

Temos a honra de apresentar a importante mulher negra, intelectual, historiadora, geóloga, antropóloga e ativista em prol dos direitos da população negra brasileira, **Lélia Gonzalez**, como capa do v. 7 n. 3 da Revista em Favor de Igualdade Racial.

Filha de Urcinda Seraphina de Almeida, uma mulher indígena e de Acácio Joaquim Almeida, um operário negro, nasce em 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Lélia de Almeida Gonzalez.

Ainda jovem, Lélia, junto de sua mãe, seu pai e seus/as 17 irmãos/as, partem para a cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Foi lá onde concluiu as etapas da Educação Básica e ingressou na Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), graduando-se em Filosofia, Geografia e História. Coursou mestrado em Comunicação Social e doutorado em Antropologia, atuando como professora e pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) entre 1978 e 1994.

Lélia Gonzalez destacou-se como acadêmica, com obras que articulam temas como identidade, cultura, política e resistência. Sua produção teórica é fundamental para compreender a luta contra o racismo e o sexismo na América Latina. Um de seus conceitos mais influentes, a "amefricanidade", parte da ideia de que as culturas afrodescendentes na América Latina formaram uma identidade própria, enraizada nas experiências de diáspora e resistência. O termo unifica os povos das Américas (América do Sul, Central e Caribe) como herdeiros de uma herança africana que transcende as fronteiras coloniais. A "amefricanidade" também critica a perspectiva eurocêntrica predominante nos estudos culturais, propondo uma visão centrada nos povos afro-latinos e indígenas como protagonistas de suas histórias.

Além disto, também cunhou o termo "pretuguês" para destacar como a língua portuguesa no Brasil foi transformada pelas influências africanas, ela afirmava que o português brasileiro é repleto de termos, expressões e sonoridades que refletem a presença negra. Sua abordagem buscava descolonizar o pensamento linguístico e valorizar as contribuições afro-brasileiras na formação deste território. Ela acreditava que o "pretuguês" não era apenas uma adaptação linguística, mas uma expressão de resistência cultural. Para ela, a forma como os negros e negras no Brasil falavam

o português era, ao mesmo tempo, uma consequência das imposições coloniais e uma resposta criativa e transformadora a elas.

Outrossim, foi uma das primeiras a apontar como o feminismo hegemônico, liderado majoritariamente por mulheres brancas e de classe média, ignorava as especificidades das mulheres negras. Ela destacou que as mulheres negras vivenciam múltiplas formas de opressão simultaneamente: o racismo, o machismo e a exploração de classe. Denunciava o elitismo e o racismo implícito em certos setores do movimento feminista, chamando a atenção para a necessidade de um feminismo que dialogasse com a realidade das mulheres negras, indígenas e periféricas. Em seus escritos e palestras, Lélia afirmava que um feminismo verdadeiramente inclusivo precisava reconhecer as contribuições e as demandas dessas mulheres.

Foi uma das cofundadoras Movimento Negro Unificado (MNU), uma das organizações mais importantes na luta contra o racismo no Brasil. Ela também participou ativamente de diversas conferências internacionais sobre a questão racial, representando o Brasil e articulando pautas antirracistas em um contexto global, estabelecendo conexões entre os movimentos negros e feministas na América Latina, nos Estados Unidos e na África, ampliando o alcance de suas ideias.

Lélia Gonzalez faleceu em 10 de julho de 1994, aos 59 anos, no Rio de Janeiro, devido a complicações cardíacas. Entretanto, mesmo após sua morte, suas ideias são amplamente discutidas, sendo lembrada como uma figura que uniu teoria e prática, inspirando militantes e acadêmicos a levar as discussões para além das universidades e influenciar as políticas públicas.

O legado de Lélia Gonzalez vai muito além de seu tempo. Ela não apenas abriu caminhos, mas também plantou sementes de transformação que continuam a florescer.

Esp. Kaliny Custodio do Carmo

Bacharela em História e Especialista em Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, ambas pela Universidade Federal do Acre (Ufac)
Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Ufac (Neabi/Ufac)